

ANÁLISE DO DISCURSO
O PODER DE PERSUASÃO
DO DISCURSO DO PRESIDENTE LULA

Mariangélica de Lima Rodrigues
summerbrazil4@passosnet.com.br

Luiz Antônio Ferreira

O CONTEXTO

Ainda que eleito, o novo presidente não conquistara boa parte do eleitorado do país, agora sob sua tutela presidencial. Contrariamente ao que ocorrera nas eleições anteriores, em que a população apresentava um descontentamento generalizado com o governo Collor, neste pleito havia muitos eleitores temerosos de que Lula, com suas ideias radicais, com um discurso inequívoco de teor socialista, ainda que amenizado por estratégias de *marketing*, pudesse subverter e relativa estabilidade vivida na nação como resultado da diplomacia governamental de seu antecessor.

Temido por muitos por defender com veemência os interesses dos trabalhadores e por mostrar-se um radical sindicalista em toda sua trajetória, o discurso de posse era ansiosamente esperado. A retórica presidencial precisaria atingir o auditório de modo a infundir tranquilidade sobre a manutenção dos valores democráticos, demonstrar competência e determinação de propósitos e ressaltar a palavra *eficácia*, característica primeira da retórica, como uma prova indiscutível da capacidade de gerir os problemas do país, sem desmontar, com atitudes radicais, o que fora conquistado a duras penas no governo Fernando Henrique. Serra fora derrotado, mas sua sombra permanecia.

O PT, partido do presidente, já gastara cinco milhões de reais (que, como se soube depois, pode ter chegado a 15) para contar com os serviços de Duda Mendonça, o mais expressivo “marqueteiro” do país, que sugerira José de Alencar para a vice-presidência, e iniciava a conquista de um *ethos* diferenciado para Luiz Inácio Lula da Silva, pois, como bem observa Felipe Miguel, Lula e Alencar, juntos:

Encarnariam a união entre capital e trabalho, além de representarem dois “vencedores”, meninos pobres que triunfaram por seus próprios méritos, um na política, outro nos negócios. (Felipe Miguel, 2006, p. 36).

Mendonça tinha plena convicção de que a imagem do novo presidente precisava ser construída por meio de uma abordagem mais pragmática, com a suavização de aspectos radicais do discurso empregado em eleições anteriores em que Lula saíra derrotado. Essa moderação forjada pelo discurso da campanha ainda causava certo desconforto na população mais esclarecida e mais abastada, a despeito das alianças — oitenta e sete ao todo — feitas justamente para inculcar no povo brasileiro a ideia de um partido dos trabalhadores mais moderno e menos radical. Desse modo, o presidente precisava, em movimento intencional e retórico, valer-se da palavra num ato que ultrapassasse os limites textuais do informar para, sim e, sobretudo, persuadir boa parte da nação.

A SITUAÇÃO RETÓRICA

Para ter sucesso, os redatores do discurso presidencial precisariam compreender o discurso como um plano de ação voltado aos interesses do auditório, naturalmente temeroso e dividido. Mais do que uma representação do mundo e uma profissão de desempenho seguro, o dizer precisava corporificar-se como um elemento constitutivo do próprio rétor e da história que o projetou. Centrar-se no *ethos* já constituído do presidente como um cidadão digno e honesto era uma vantagem significativa no plano retórico, uma vez que o presidente, ao longo dos anos, construía sua imagem sob os alicerces da honestidade, retidão de princípios, angariara a fama de justiceiro nacionalista e, assim, projetava uma imagem de si muito sólida. O *ethos*, por sua vez, demonstra a imagem do caráter do orador, mas entre a fama positiva (*areté*) de homem simples, honesto havia toda a tradição de um partido, denominado dos trabalhadores, a situação exigia, assim, um potente movimento argumentativo.

Em retórica, como para os gregos, o *ethos* (conceito relativo à imagem que o orador mostra de si mesmo) é um dos elementos que constituem os meios de prova. Os outros meios são o *logos* (relativo aos raciocínios empregados pelo orador) e o *pathos* (relativo à prova patética, que consiste em provocar no público uma paixão e torná-lo mais favorável a julgar a tese). Como, porém, ressalta Tringali:

Não basta, ao orador cuidar da própria imagem durante o discurso, apresentar-se ora humilde, ora austero, ora tranquilo, ora autoritário... O

ANÁLISE DO DISCURSO

que realmente conta é a imagem do orador que deriva de toda sua vida moral. Há uma ligação profunda entre a vida e o discurso que, por sua vez, reflete a vida do orador. Sem uma vida honrada, o discurso não persuade. (Tringali, 1988, p. 76)

Nesse aspecto, o ethos projetado do novo presidente assomava como vantagem argumentativa.

UM ATO RETÓRICO

Optamos, aqui, por uma análise que privilegia o discurso escrito, mas a eloquência oratória do presidente precisou ser levada em conta, pois, alguns efeitos retóricos foram imprescindíveis para causar efeito de sentido.

No discurso de posse, o presidente teceu uma revisão dos preceitos sociais necessários para o estabelecimento das relações de uma dada sociedade brasileira. Procurou, também, mostrar-se conhecedor profundo das desigualdades sociais do país e revelou que a atenção às essas diferenças constituiriam estratégias fundamentais no plano de governo. Os apelos emocionais, funcionando como provas patéticas no discurso, se fizeram presentes em muitos instantes. O exemplo a seguir é claro: com o intuito de mostrar-se indignado com as desigualdades sociais, o presidente disse enfaticamente: “*enquanto houver um irmão brasileiro, ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrir de vergonha*”. Reiterou mais adiante que aquele era o primeiro dia de combate à fome no Brasil, como se nenhum governo anterior tivesse feito qualquer esforço para resolver um problema tão grave da nação brasileira. A hipérbole contida nessa frase buscava revelar a força prioritária do governo que se iniciava. Unindo retórica e oratória, o presidente percebia o efeito imediato de suas palavras no auditório: as palmas interromperam o presidente por trinta e uma vezes durante o pronunciamento e ocorriam cada vez que o presidente dava um sinal mais eloquente de realismo e solidez.

O discurso, elaborado retoricamente, enfatizava as preocupações do homem-presidente: aquele que demonstra uma revolta com as desigualdades sociais, produto das marcas trazidas da infância proletária que vivenciara no passado. A imagem construída pretendia comover pelo uso da *hipotipose*, que, nas palavras de Reboul (2004,

p. 249), “consiste em descrever um acontecimento de modo tão vivo que o auditório acredita tê-lo diante dos olhos”. A hipotipose se configurou ainda mais plenamente quando o orador, tomado de eloquência, revelou: “enquanto houver um irmão brasileiro e irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrir de vergonha”. É sensível o esforço para estabelecer comunhão com o auditório: todos os brasileiros são “irmãos” do presidente e o próprio presidente, como brasileiro, inclui-se entre todos, como apenas mais um, ao dizer “nos cobrir de vergonha”.

Em comunhão, o rumo discursivo poderia ser modificado. Para mostrar-se honesto e competente, valeu-se de argumentos éticos e patéticos. Segundo Tringali (1988b, p. 77), os argumentos éticos despertam a imagem do orador nos ouvintes através de sentimentos fracos. Os argumentos patéticos tentam persuadir, comovendo através de emoções e suscitam paixões nos ouvintes para conduzir-lhes a mente e arrastar-lhes a vontade. O poder de coagir do discurso se atribui à força que a paixão engendra. O discurso do presidente dava cabais demonstrações de conhecimento de que para ter persuasão assegurada a um auditório universal, seria preciso apelar aos sentimentos. Não bastava a simples apresentação das provas e das razões. Por isso, o discurso presidencial, vazado em linguagem culta, mas simples, contava com a eloquência natural do orador como um fator altamente persuasivo.

O *ethos*, que gradativamente se consolidava no discurso foi ainda retoricamente emoldurado: o presidente mostrou-se indignado com a corrupção: “*Ser honesto é mais do que não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos*”. O *ethos*, agora, se projetava pela demonstração de uma consciência ética universal, de um caráter idôneo e de moral exemplar, partes essenciais de um ser humano íntegro, confiável. O discurso trazia, também, referências intertextuais relativas ao comportamento de um célebre político brasileiro que conquistara várias eleições com um slogan informal, tácito, que corria na boca do povo brasileiro: “Fulano rouba, mas faz”.

O discurso, como se nota, usou e abusou de termos amplificadores que são as figuras de linguagem com intuito de reforçar o *ethos*

ANÁLISE DO DISCURSO

institucional do presidente, pois pretendia ultrapassar o auditório particular (composto pelos brasileiros) em busca da presunção de um auditório universal:

Vamos mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio de diálogo e negociação, *sem precipitações*, para que resultado seja consistente e duradouro. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

Percebe-se que o presidente ao enfatizar uma mudança de longo prazo, constrói um perfil de um homem consciente e responsável e conquista mais um elemento para a formação de seu *ethos* ao provocar um *pathos* de confiança, esperança, uma perspectiva de melhora e de crescimento do país.

A ideia de mudança se introduz e incorpora no ouvinte, valores desejáveis e preferíveis: tolerância e solidariedade. A figura de presença “sem precipitação”, reiterada, constitui-se em uma hipérbole com evidente intento de ampliar positivamente, as próprias qualidades do orador. A hipérbole, por sua vez, condensa argumento de direção: o país tem agora, um rumo a ser seguido.

Em ritmo pausado e tom comedido, Lula afirmou que o Brasil estava ingressado em um novo período histórico: “*Hoje é dia do reencontro do Brasil consigo mesmo*”. O apelo retórico é muito eficaz: deixa o *ethos* em segundo plano para provocar o *pathos*.

Consolidado o ato de enfatizar o *ethos*, o discurso, que pretende provocar paixões, recitava-se, agora mais objetivamente, numa crítica ao modelo de Fernando Henrique:

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades(...), a sociedade brasileira escolheu mudar. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

Ao desmerecer, no plano argumentativo, os feitos do antecessor, o presidente deixou clara sua rejeição tanto do plano institucional quanto no econômico, à maneira que FHC conduzira o país. Valeu se, pois, de um argumento *ad personam*, ou seja, um ataque à pessoa de um adversário com o fim evidente de desqualificá-lo (Pe-

relman. 1996, p.126). Desse modo, presidente, novamente, ressaltou seu próprio *ethos*: o de um ser sábio, competente, que conhece o país e suas necessidades. O lugar comum da sinceridade é retoricamente construído para provocar *pathos*: confiança no auditório. Busca, então, amplo efeito persuasivo nos cidadãos menos favorecidos, justamente a maioria do auditório particular a que se dirige. Provocou, ademais, um reforço do *ethos*: o presidente é um cidadão que tem amor ao seu povo. O acordo se dá pela utilização do argumento pelo sacrifício ao ressaltar-se como um guerreiro, um herói, (defensor dos interesses dos mais pobres).

O discurso não se esquivava de tocar em pontos éticos e, portanto, universais ao criar apelos persuasivos ligados à solidariedade. Valeu-se, a seguir, de bom efeito retórico para angariar aliados no plano argumentativo: ao sinalizar um enfretamento com a nação mais poderosa do planeta, os Estados Unidos. Referindo-se à guerra do oriente médio sintetizou: “*O presidente encampou uma solução pacífica e negociada para a guerra iminente no Oriente Médio*”. Evidentemente, o trecho quer demonstrar a coragem que se espera do presidente para defender a nação em pontos delicados da política externa. No cenário que se configurou no momento da elocução, o público mostrou-se favorável à ideia e aplaudiu o presidente. O efeito retórico pretendido, então, estava consolidado. A *actio* entrara em ação e demonstrava imediatamente, um *pathos* positivo que, a seu modo, ressaltava o *ethos* corajoso do rétor. Ao lado da coragem, a ponderação ao mostrar desejo de uma solução pacífica e negociada para a guerra.

Ao julgar o *ethos* perfeitamente delineado e assegurado pelas provas retóricas, o discurso envereda para a realização de tarefas quase impossíveis, mas, verossímeis pela constituição do discurso que se pronunciou até aqui:

O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da previdência, a reforma tributária, a reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária.

Instaura o *ethos* de homem simples, batalhador e corajoso e busca, pelo exemplo, mostrar-se autêntico:

Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de meni-
no que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou tor-

ANÁLISE DO DISCURSO

neiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei com toda clareza e com toda convicção, que nós podemos *muito mais*. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

Com essa fala, conclamou as paixões do auditório. Uma vibrante manifestação popular o saudou, cantou, gritou em resposta à frase extremamente bem construída. Percebe-se que o intuito do presidente é provocar as paixões e as emoções no auditório pelo uso do argumento de prestígio.

Salientou, ainda, seu apoio à política agrária ao revelar “o *nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio*”. Buscava adeptos, a cumplicidade e a confiança da massa brasileira.

Com a faixa cruzando o peito, Lula sentiu o peso do cargo ao rechaçar as vias econômicas aventureiras e se expôs seu discurso assim:

Trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado, para qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

Pretendia, na construção discursiva, demonstrar a forma que iria conduzir seu mandato: baseado em princípios básicos de política econômica. Esse era um pronunciamento esperado. Com isso, provoca *pathos* ligado à segurança, esperança, desenvolvimento e crescimento do país. O medo é veementemente rechaçado pela força do ethos corajoso, ponderado e confiante do novo presidente.

Sintetizou, depois, numa frase, a esperança quase mítica da qual ele era o depositário, ao fundir-se no corpo do homem brasileiro, ao integrar-se aos sonhos há tanto esperados. Baluarte da esperança e produto da história, o ethos se torna altivo e determinado:

Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

Transmite, dessa forma, um laudo de superioridade com claro o intuito de reforçar a comunhão do orador com o auditório. Em se-

guida, destaca a qualidade da franqueza e conclama valores seculares do homem brasileiro: respeito irrepreensível à família:

Quando eu não puder fazer alguma coisa, não terei nenhuma dúvida de ser honesto e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e meus netos. (Discurso Presidencial, 2003, p. 23/29)

O *ethos* do pai sincero e humilde prevalece no discurso. Para pais tão virtuosos, o resultado é passional: amor profundo, de respeito e carinho.

Ao finalizar o discurso de posse, ainda na esteira da humildade, pediu a ajuda de todos para governar: “*A responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro que me colocou aqui*”. Convidativo e simples, reforça a ideia de união, de cumplicidade com o auditório.

Diante do exposto percebe-se que o presidente recorreu a muitos artifícios persuasivos em seu discurso, na tentativa de transmitir tranquilidade, paciência, tolerância no seu auditório. Revelou-se um ser capaz de “mudar”, conservando o já construído, o rumo do país. No intuito de demonstrar-se competente e consciente, enfatizou seu *ethos* de homem corajoso, persistente, íntegro, solidário e atualizado. Ao assegurar a ideia de sucesso administrativo, buscou perfeito “acordo” com seu auditório.

Além disso, o presidente revelou-se compromissado e consciente de todos os problemas impingidos ao povo brasileiro em sua dura realidade social.

O tom do discurso do presidente procurou ressaltar o *ethos* de um estadista, um ser capaz de desvelar, pelo ato retórico, a assertividade como meta, a superioridade como verdade, a coragem como princípio. Inúmeras estratégias argumentativas contribuíram para a conquista da persuasão, mas a tônica do discurso centrou-se em dois movimentos discursivos paralelos e estratégicos: a busca incansável do acordo com o auditório e a construção simultânea de um *ethos* de paladino quase mítico, revestido de coragem, segurança e muita, muita humanidade.

ANÁLISE DO DISCURSO

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ramiro. O povo no poder. **In:** *Isto É*, 8 jan. 2003, p. 28/32.
- ARISTÓTELES. *A retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s/d.].
- CARRILHO, Manuel (org.). *Retórica e comunicação*, Lisboa: ASA, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LASTORIA, Luiz. A. C. Nabuco. Ethos sem ética: a perspectiva crítica de T.W. Adorno e M. Horkheimer. **In:** *Educação e Sociedade*, vol. 22, nº 76, out. 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PERELMAN, Chaim e Olbrechts-Tyteca. *Tratado de argumentação – A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SILVA, Luís Inácio Lula da. Trecho do discurso de posse de Lula no Congresso. **In:** *Veja*, 8 jan. 2003, p. 23/29.
- TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.